

MARTE VIVA

Director (interino): ANTONIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO III — N.º 80 — Preço 5\$00 — 19/1/78

S. M. H. - O QUE É ?

Habitar é problema. Falta de casas, rendas elevadas, casas muitas vezes em deficientíssimas condições. Continuam os bairros de lata, continuam as muitas casas sem esgotos, sem canalizações de água, sem instalações sanitárias. A situação persiste, agrava-se porventura. E o texto da Constituição que recorda que «todos têm direito para si e para a sua família, a uma habitação...» é ainda sonho que gostaríamos ver realizado.

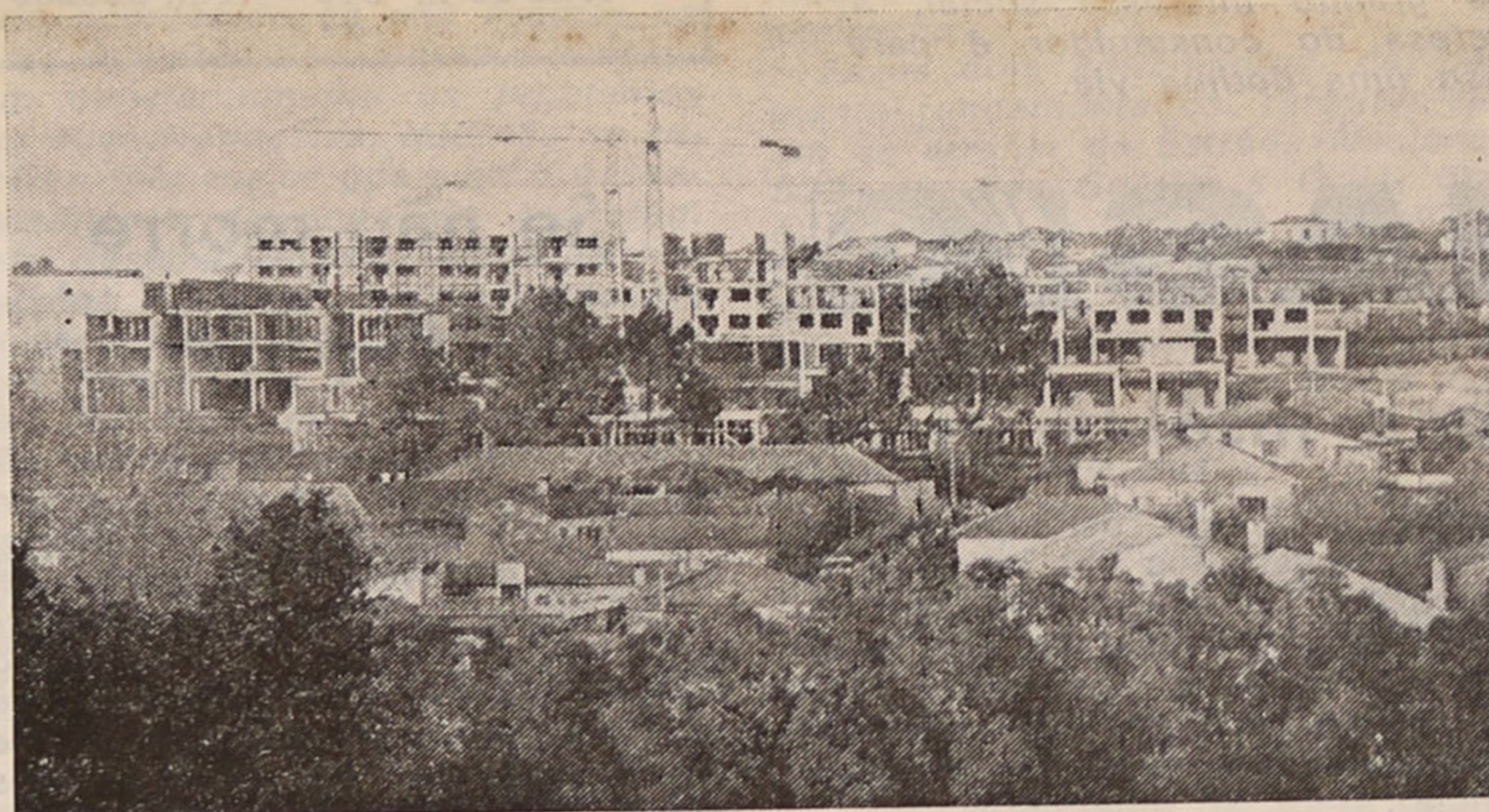
Em Espinho o panorama não é muito diferente. Há uma falta de milhares de habitações e o esforço que vem sendo feito, e que se salda para já, num total de cerca de 800 fogos a surgirem a médio prazo, está longe de assegurar a ultrapassagem desta grave carência. E mesmo que em Espinho o ritmo de construção seja elevado, superior à maioria dos concelhos, duvidamos que isso, por si só, venha a conseguir resolver o problema. Isto porque com a grande mobilidade da população há hoje uma constante deslocação de pessoas para a nossa região, procurada pelos privilégios que representa viver no litoral, numa zona industrial e com fácil ligação para o Porto e até para o centro e sul do País. Quer isto dizer que só uma actuação conjunta, a nível nacional, e completada por outras tarefas de desenvolvimento geral e uniforme, tanto quanto possível, poderá, ainda que a longo prazo, bem sabemos, vir a alterar significativamente a actual situação.

seido bastante demorado, encontrando dificuldades, por exemplo, na falta de pessoal na Câmara para lhe dar um andamento burocrático mais rápido. E se é verdade que têm continuado os esforços para ir fazendo face ao problema da habitação no concelho não será menos verdade que, a considerar pela importância das tarefas dos S. M. H., a sua efectiva existência e actuação dinâmica poderão ser importante contributo para a resolução de tantas dificuldades que encontram aqueles que apenas pretendem ter acesso a um direito

fundamental: habitar dignamente. E no nosso concelho haverá em breve um significativo número de habitações que será preciso distribuir.

Mas notemos que se com a institucionalização dos Serviços Municipais de Habitação se pretende dar cumprimento ao ponto em que a Constituição define que «o Estado e as autarquias locais exercerão efectivo controlo do parque imobiliário», também a Constituição afirma que «incumbe ao Estado incentivar e apoiar as inicia-

continua na página 6



UM ASPECTO DO FUTURO COMPLEXO HABITACIONAL DA PONTE D'ANTA

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL

e os Presidentes das Juntas

Dos relatos que temos vindo a fazer das sessões da Assembleia Municipal e, nomeadamente dos que se debruçaram sobre o Plano e Orçamento para 1978, ter-se-ão os leitores apercebido da discussão que se gerou em torno das freguesias, e onde o papel dos vogais presidentes das Juntas foi determinante. Não diríamos que dentro da Assembleia se estabeleceu uma oposição cida-

de-freguesias, mas houve por certo pontos de vista diferentes sob a forma como os interesses das freguesias deviam ser defendidos.

Julgamos que de qualquer modo, se abriram novas perspectivas para a conjugação dos interesses da cidade e freguesias e pareceu-nos que sob este aspecto os presidentes da Junta teriam posições de particular interesse.

Por isso, aqui apresenta-

Eleições na NASCENTE

Decorreram, no passado dia 10, as eleições para os Corpos Gerentes da Cooperativa Nascente. Concorreu uma lista, proposta pelo Conselho Geral da Cooperativa, que veio a reunir o consenso dos sócios eleitores, e que a seguir se discrimina:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Rolando Sousa;
1.º Secretário — Carlos Morais;
2.º Secretário — Albertino Pinheiro; Suplentes — Manuel Braga e Augusto Mota.

CONSELHO FISCAL

Presidente — José Salvador;
Relator — José Catarino; Secretário — Fernando Meneses; Suplentes — Augusto Baía e António Letra.

DIRECÇÃO

Presidente — Alfredo Casal Ribeiro; Vogais — António Gaio, Eduardo Oliveira, Hernani Barrosa, Jorge Cunha, José Dias Carneiro, José d'Alte Pinho e António Santos; Suplentes — Ana Maria Faustino, António José Lacerda e Victor Sousa.

De notar o aumento de 7 para 11 do número de elementos da Direcção, determinado pelo Regulamento Interno, e que vem corresponder às exigências do crescente desenvolvimento da actividade da Nascente.

Na continuação da nossa tentativa para acompanhar a situação de um sector tão importante como é o da habitação, fornecemos hoje aos nossos leitores alguns dados sobre uma forma de actuação dos poderes públicos para fazer face às dificuldades neste aspecto da vida de tantos portugueses. Referimo-nos aos Serviços Municipais de Habitação, instituídos por decreto-lei de 6 de Novembro de 1976, cuja criação é prioritária nos municípios em que haja casas de renda limitada, casas construídas ou em vias de conclusão ao abrigo dos contratos de desenvolvimento, ou ainda programas de promoção directa do Fundo de Fomento da Habitação, ou obras participadas em vias de conclusão.

Assim, em reunião da Câmara Municipal do passado mês de Junho foi decidido criar os S. M. H. e o respectivo quadro de pessoal, a prover de acordo com as necessidades que se forem verificando. Note-se que o pagamento de ordenados ao pessoal virá a ultrapassar os 100 contos mensais.

Entretanto, parece que desde a data em que a Câmara tomou aquela decisão até hoje o processo tem

mos os depoimentos desses vogais sobre o assunto, que após a conclusão dos trabalhos, se prestaram a responder-nos às seguintes duas perguntas:

1 — Como julga que foram contemplados pelo Plano e Orçamento os interesses da sua freguesia?

2 — Que pensa da forma como foram encaradas as freguesias nos trabalhos da Assembleia Municipal?

continua na página 3

Burocracia atrasa habitação

Desde há várias semanas que se encontra concluída a construção de um prédio pertencente à Caixa Geral de Aposentações, situado na rua 16, próximo dos Bombeiros V. Espinhenses. Sabe-se que são vários os interessados em habitar nele mas até ao momento, pese embora a grande falta de habitações que se faz sentir, as persianas continuam hermeticamente fechadas e não se vê sinal de vida. Que se passa, afinal?

Como dissemos acima, o prédio pertence à Caixa Geral de Aposentações, embora os trabalhos de construção tenham decorrido sob a orien-

tação do Fundo de Fomento da Habitação. Segundo conseguimos apurar, as condições em que será feita a distribuição das habitações não são ainda conhecidas, sabendo-se apenas que a elas terão direito apenas os funcionários do Estado ou dos Corpos Administrativos. Julgamos também saber que as habitações serão entregues em regime de propriedade resolúvel e que estão em curso os trabalhos necessários para a abertura do concurso. Que este não demore muito é o mínimo que se pode desejar, perante a grande falta de casas que se faz sentir na região.

Cooperativa de Consumo de Espinho

A Comissão Pró-Cooperativa convoca a população de Espinho e freguesias limítrofes para participarem numa reunião a efectuar no próximo dia 20, 6.ª feira, pelas 21,30 horas, no Salão da Piscina, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª — informações; 2.ª — discussão e aprovação dos Estatutos. No 2.º ponto será apresentado um projecto de estatutos elaborado por um grupo de cooperativistas, sendo

também aceites, para discussão quaisquer outros que sejam apresentados. Entretanto, o projecto de Estatutos existente encontra-se ao dispor dos interessados, na rua 18, n.º 1145 das 9 às 12 e das 14,30 às 19 horas.

Portanto, uma reunião que poderá ser decisiva para o arranque de uma organização que será de grande interesse social. A defesa do consumidor é para isso uma óptima via.

NOTÍCIAS

Sessão de cinema insólita

Em exibição, «Zorro e os 3 Mosqueteiros». Sala composta por adolescentes, ávidos das aventuras do mascarado, mãezinhas que levavam os filhos a ver este filme «próprio para a sua idade», adultos desejosos de reduzir à simplicidade de um espadachim (mais três dos mosqueteiros) a crise actual.

Apesar da heterogeneidade, todos tinham em comum a vontade de ver com mais ou menos atenção o filme.

Entretanto havia um espectador involuntário na sala, e dizemos involuntário pois o seu estado não lhe devia permitir uma escolha muito pensada de como passar o seu tempo. É que o nosso amigo tinha seguramente feito uma grande cura em estágio de «águas» antes da sessão e depois, para adormecer nos braços do deus Baco, escolheu como local de repouso o cinema. Enquanto o bom homem dormia em plena «ressaca» a coisa bem foi;

mas na 2.ª parte, os espectadores foram despertados por algumas lamentações dramático-cómicas do nosso amigo, algumas das quais não resistimos a transcrever mais ou menos textualmente, cortadas com alguns comentários da assistência:

«Pois é, não há direito!... Tenho lá o cimento a apodrecer... E apodrecendo lá se vai o meu dinheiro! ... Não há meio de me construir a casa!»

(público) — «Cala-te, ó vinho!»
«... Já fui à Câmara falar com um tipo alto... que lá está! Mas qual quê?! Nunca mais me safol!»
(público) — «Beb'água!»

«Nunca mais me dão a autorização!... E o cimento a apodrecer!! Não há direito!»

Pois é! A burocracia camarária já chegou à plateia do S. Pedro pelos vistos!

Insólito, não?

Não à Bomba «N»

Conforme anunciamos, o «Maré Viva» organizou, no passado domingo, uma banca, junto à passagem subterrânea da rua 19, para recolha de assinaturas contra a bomba de neutrões. A iniciativa, enquadrada na luta que a nível mundial se desenvolve contra aquele diabólico engenho, teve o apoio de largo número de pessoas que assim puderam pelo menos, manifestar o seu protesto. E foi mais uma ocasião de o «Maré Viva» demonstrar que deseja para si uma intervenção ainda maior do que a simples publicação semanal.

farmácias

QUINTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

SEXTA - Grande Farmácia
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092

SÁBADO - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

DOMINGO - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

SEGUNDA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

TERÇA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

QUARTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

Se não morre da doença...

Tem chegado até nós o eco do descontentamento de muitos encarregados de educação e estudantes do Liceu dr. Manuel Laranjeira perante alguns horários que nele se praticam. Há casos de turmas do Curso Unificado (primeiros anos de ensino secundário) que têm 6, 7 e até 8 aulas por dia, muitas vezes apenas com uma hora para almoço. E se alguns almoçam na Cantina do Liceu, e mesmo para isso o intervalo não é famoso, muitos haverá que vão almoçar a casa e se vêem em dificuldades para chegar a horas.

É claro que o número de horas semanais é bastante elevado, o que tem necessariamente que dar uma média diária igualmente alta, mas 8 aulas num dia é francamente um exagero. Sobretudo quando se sabe que, infelizmente, na maior parte dos casos o que se pede ao aluno é que esteja sentado a ouvir e a «aprender» a «matéria», o que deve ser bastante cansativo e até desmobilizador para uma entrega séria ao trabalho de estudar. Aliás, não faltam as queixas de que com tais horários nem há tempo para estudar, o que, pelos vistos, até parece ser verdade. Não haverá mesmo nada a fazer?



S. PEDRO

Dia 19, Quinta-feira

«O AMOR COMEÇA A MEIA - NOITE»

M/ 18 anos

Se fosse de nulo interesse, limitar-nos-íamos a comentar que a hora seria apenas uma questão de opinião, mas acontece que não é desinteressante de todo esta comédia espanhola. Por isso, o motivo da nossa ressalva.

Dia 20, Sexta-feira

«DE CALCINHAS COR-DE-ROSA»

M/ 18 anos

O título, só por si, já muito indica. A simples presença de Edwige Fenech define o resto, ou seja, que temos brejeirice da «forte» pela certa. Da sua finalidade, já vocês conhecem. Adiante.

Dia 21, Sábado

«O REBELDE DO KANSAS»

M/ 13 anos

Fazem-lhe muito mal à família, e ele então vinga-se, matando, esfolando e o diabo-a-quatro, sem escapar nenhum.

Pelo que vêm em nada é inédito, mas isso não impediu Clint Eastwood de vir repisar argumento tão estafado. Com isto concluímos que ele, entre outras coisas, também não é brilhante de imaginação.

Dia 22, Domingo

«A ÚLTIMA LOUCURA»

M/ 6 anos

Por nos termos habituado à excelente comicidade que Mel Brooks nos tem apresentado em anteriores trabalhos, consideramos este seu último filme uma decepção. Aparentemente extremamente divertidos apresenta, sem dúvida, mas se o compararmos não podemos deixar de manifestar a nossa desilusão. No entanto, não deixem de ir ver, e dizer de vossa justiça.

Dia 24, Terça-feira

«A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS»

M/ 18 anos

Estreado há cerca de 4 anos em Lisboa, curiosamente, só agora chega até nós. Será caso para dizer: mais vale tarde...

E no caso presente até vale mesmo a pena dar atenção a este filme realizado por Paul Newman e interpretado pela sua mulher, a exemplo de «Rachel, Rachel». Na altura, atraíu as opiniões da crítica, que de forma geral muito o elogiou. Julgamos portanto que o seu interesse ainda não se desvaneceu, pelo que o aconselhamos vivamente.

maré viva

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Agostinho Chaves, Ana Maria, António Letra, António Santos, Dário Capela, Eugénio Morais, Fausto Neves, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Jorge Monteiro, J. Valadas, Manuel Augusto, Manuel Loureiro, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRÁFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:
ANTÓNIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

A Assembleia Municipal e os Presidentes das Juntas

continuação da página 1

DE SILVALDE

Adão Pinto Loureiro

1 — Sobre o orçamento aprovado, tecnicamente não me posso pronunciar pois não sou especialista. É claro que um orçamento tem imensos condicionamentos, especialmente agora em plena crise. Assim existem verbas fixas, outras que estão presas a compromissos que já vêm de longe e outras mesmo simbólicas. Durante a votação apareceram declarações de voto, críticas, umas com fundamento, outras sem ele, e isto porque os orçamentos nunca agradam a toda a gente, com tanta falta de dinheiro. Eu pessoalmente compreendo

perfeitamente as dificuldades da Câmara neste caso. Claro que o orçamento não é de maneira nenhuma o ideal, mas aceito-o e compreendo-o nas actuais circunstâncias. É imensamente difícil o trabalho da Câmara neste campo e especialmente ingrato.

A minha posição é portanto de aceitação do orçamento.

2 — Quanto à actuação na discussão dos representantes da Freguesia abstenho-me de a comentar pois creio que isso nem me compete nem há algum interesse em o fazer.

DE PARAMOS

João Baptista Dias da Costa

1 — O plano e orçamento apresentados inicialmente não defendiam satisfatoriamente os interesses de Paramos. Para além de algumas verbas e iniciativas que contemplavam as freguesias em geral, do problema do saneamento (que pelos vistos vai ser entregue a uma empresa pública), o plano só previa o arranjo da estrada da Lavoura-Bouça, que até já começou em 1977.

No fim dos trabalhos, Paramos acabou por ser melhor defendida, devido à aprovação de três propostas de aditamento que apresentei. A primeira referia-se ao arranjo da estrada da Senhora da Guia à Corredoura (trata-se da antiga 109, que está em muito mau estado e é de grande importância para a parte norte da freguesia) a segunda à aquisição do terreno frente à capela da Sra. da Guia entre a 109 velha e a 109 nova para a implantação de um pequeno parque e, por fim, o arranjo do arraial frente à igreja.

São obras de muito interesse

para Paramos e que esperamos poderão vir a ser integradas no plano suplementar.

2 — Tem havido na Assembleia Municipal uma tendência para centralizar a discussão quase toda sobre Espinho-sede do concelho, esquecendo-se que a Assembleia deve estar ali a defender os interesses de todo o concelho. E isso não teria acontecido se não fossem os representantes das Juntas a lembrarem constantemente os problemas das suas freguesias, que não se resolvem por maior que seja o desenvolvimento da sede do concelho. Este desenvolvimento ajuda as freguesias em geral, mas não resolve os seus problemas próprios: problemas com a lama, a falta de iluminação, da água, dos esgotos, que já não sentem quem vive na cidade.

Espero realmente que as últimas sessões da Assembleia Municipal, onde se falou muito de freguesias sejam o prelúdio de uma nova maneira de encarar o problema em futuras sessões.

DE GUETIM

Joaquim Moreira de Sá

1 — Não se pode dizer que o plano e orçamento propostos à Assembleia Municipal contemplassem, como desejaríamos, as necessidades da freguesia. No orçamento estavam apenas incluídas uma verba de cerca de mil e quatrocentos contos a distribuir pelas quatro freguesias e uma outra de vinte e oito contos, para despesas de expediente.

No plano de actividades, previa-se para Guetim a construção de 3 salas de aula, as obras de saneamento e água (na evolução destas obras chegou a vez de Anta e Guetim) e o arranjo (pavimentação e alargamento) do caminho municipal 1002 desde a Estrada Nacional 522. Note-se que estas obras ainda não estão orçamentadas, esperando-se a sua inclusão no orçamento suplementar, no caso de haver verba.

Porque isto era insuficiente para Guetim e não contemplava nem de perto o plano elaborado pela Junta e aprovado pela Assembleia de Freguesia de Guetim, a Junta, por meu intermédio, apresentou duas propostas de aditamento à Assembleia Municipal, que vieram a ser aprovadas sem voto contra, o que mostra a justeza das nossas aspirações.

Esses dois aditamentos, devidamente fundamentados, referiam-se: um ao arranjo da Estrada Nacional 522 que liga Guetim a Grijó, que é, digamos, a espinha dorsal da freguesia; o outro, a ampliação da sede da Junta com um primeiro andar, que permitirá o desenvolvimento de actividades sociais e culturais, que de momento não dispõem de instalações.

São duas obras de grande importância e que poderão ser incluídas no orçamento suplementar, se houver verba. Se isto não acontecer,

terão prioridade no orçamento para 1979.

De qualquer modo, e atendendo aos recursos limitados do município, parece-me que, com a inclusão destes dois aditamentos, Guetim saiu razoavelmente defendida dos trabalhos finais da Assembleia. É claro que não nos esquecemos também dos benefícios que todas as freguesias virão a tirar de obras a efectuar na sede do concelho, casos por exemplo do novo edifício do Ciclo Preparatório e da defesa da costa.

2 — Parece-me que, dum modo geral, a Assembleia Municipal foi prejudicada pelo facto de haver poucas propostas concretas, para além do plano e orçamento apresentados pelo executivo, o que levou a que muita discussão se arrastasse sem um objectivo definido. Isso reflectiu-se nos assuntos respeitantes directamente às freguesias, onde, se algo se adiantou quanto ao plano, isso aconteceu em relação a Paramos e Guetim, que apresentaram propostas concretas. De qualquer modo, a questão das freguesias foi muito sentida na Assembleia, desde as primeiras sessões, e por iniciativa dos presidentes das Juntas.

Em conclusão, julgo que toda a iniciativa de defesa das freguesias tem cabido aos seus presidentes, pois dos outros vogais não partiram propostas nesse sentido, salvo o caso duma proposta para a Marinha. O que não quer dizer que os restantes vogais não fossem sensíveis aos problemas, tanto mais que aceitaram favoravelmente as propostas que Paramos e Guetim apresentaram. Parece-me por isso que, mesmo caindo no risco de serem acusados de bairrismo, o papel dos presidentes das juntas é efectivamente importante e indispensável.

Nota: Terão por certo os leitores notado a ausência do depoimento do presidente da Junta de Freguesia de Anta. A verdade é que não nos foi possível ainda estabelecer esse contacto, pelo que procuraremos logo que possível preencher esta lacuna, provavelmente já no próximo número.

RIFAS DA NASCENTE

23.ª Semana — Extracção de 12 - 1 - 78

859	1.000\$00	Miguel de Almeida Morais
059	100\$00	Nascente
159	100\$00	Maria Laurinda G. Oliveira
259	100\$00	Eugénio Henrique Morais
359	100\$00	Manuel Moreira dos Santos
459	100\$00	Deolinda Marques Barbosa
559	100\$00	Jorge Vieira da Silva
659	100\$00	Joaquim Sousa Oliveira
759	100\$00	Aníbal de Castro Lacerda
959	100\$00	João Paulo Graça Barrosa

Actividades da NASCENTE

Após um mês de Dezembro particularmente activo (conforme desenvolvemos noutro local), a actividade exterior da Nascente prossegue.

Assim, o Grupo de Fantoques «O Espantalho» deslocou-se no dia 7 ao Palácio de Cristal do Porto para aí participar numa manhã infantil, integrada no 2.º aniversário do jornal «O Diário», merecendo nas suas páginas, o seguinte comentário: «E a actuação para os mais jovens fechou com a apresentação do Grupo de Fantoques «O Espantalho» da Coop. Nascente. Espantaram pelo poder de invenção, pelas vozes bo-

nitias, pela ternura que espalharam. Um Grupo notável que demonstrou grande qualidade».

Esteve também presente no dia 8 em Cortegaça (espectáculo promovido pela Comissão de Juventude do Sindicato dos Tapeteiros) e em que participaram ainda Manuel Dias e Fernando Marques, que animaram todos os presentes com as suas canções.

Também o Teatro Popular de Espinho, com a peça «Um Dia Memorável para o Erudito Sr. Wu» deu mais um espectáculo, no passado sábado, em S. João de Ver-

Madeireiros tomam posse

continuação da página 4

dos Operários da Construção Civil, sector para que trabalham ao fim e ao cabo a maior parte dos madeireiros.

Há no entanto outros objectivos imediatos, como nos disseram os nossos interlocutores:

«Quanto ao nível salarial do sector ele é extremamente baixo e há grandes injustiças contempladas na Portaria. Esta vai porém vigorar até princípios de 1979, e a nossa luta neste campo ter-se-à de centrar sobretudo na exigência de o patronato pelo menos a cumprir, o que não está a acontecer na maioria das empresas. O patronato aproveitou-se do facto de haver uma grande procura de trabalho para explorar os trabalhadores, colocando cerca de 50% no escalão mais baixo, ou seja, o de Serviço não Diferenciado».

«Para isso vai ser preciso rees-

truturar o sindicato, dinamizar a vida sindical, procurando através de contactos nas empresas mobilizar os trabalhadores para a defesa dos seus interesses. É um trabalho prioritário, até porque a desmobilização dos madeireiros reflectiu-se na baixa percentagem de participação nas eleições».

E os elementos da direcção terminaram apontando ainda outras tarefas, que aliás constavam do seu programa de acção:

«Claro que não esquecemos que só em 1979 poderá entrar em vigor um novo Contrato Colectivo de Trabalho, mas pensamos porém que vai sendo também tempo de preparar as negociações nesse sentido, para que elas não se venham a arrastar indefinidamente, com prejuízo dos trabalhadores. Objectivos por cujo êxito é evidentemente necessária a constituição dum Sindicato organizado e capaz».

Cooperativa de consumo na Fábrica Progresso

O custo de vida, a inflação e a especulação à volta dos produtos essenciais são cada vez mais uma preocupação para todos os trabalhadores e, por isso, não admirará que surjam iniciativas de defesa contra essas consequências inerentes a um sistema capitalista de mercado. As cooperativas de consumo têm sido a forma ideal de fugir aos prejuízos que esse tipo de mercado traz para os consumidores e são animadores os exemplos que, com êxito, vão aparecendo na nossa região.

Pensamos no entanto que mais se pode fazer nesse campo e continuam em aberto oportunidades para os trabalhadores, que ainda não o fizeram, constituírem a sua cooperativa de consumo. Foi pois com o objectivo de divulgar uma iniciativa ainda ignorada pela maioria da população que nos deslocámos à Fábrica Progresso, mostrando ao mesmo tempo que até nem é muito difícil construir uma cooperativa de consumo, bastando para tal o realismo suficiente e a força de vontade indispensável.

Ali na rua 35, muito perto da Progresso, fomos encontrar uma pequena dependência, com as prateleiras bem fornecidas, enquanto algumas pessoas passavam pela caixa para pagarem o que haviam recolhido.

Neste serviço encontrava-se o sr. Humberto Cruz que logo que teve oportunidade, se dispôs a explicar-nos como havia surgido a Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores da Fábrica Progresso.

«A ideia começou a surgir em princípios de 76, no seio da Comissão de Trabalhadores e após uma consulta mais geral criou-se uma comissão instaladora para o arranque. Fizeram-se contactos com outras cooperativas que nos deram alguma da sua experiência, começaram-se a elaborar os Estatutos. A adesão dos trabalhadores da empresa foi boa e dos 130, houve logo 70 que pagaram uma acção de 100\$00. A empresa cedeu estas instalações, fez-nos um pequeno empréstimo e veio a legislação. Nessa altura, 55 dos 70 trabalhadores pagaram a jóia de mil escudos, ganhando a condição de só-

cios, e em Fevereiro de 77 a Cooperativa começou a funcionar».

O pagamento da jóia parecia ter arrefecido o entusiasmo de alguns dos trabalhadores. O que fazer quanto a isso?

«É verdade que nem todos os que subscreveram a acção vieram a confirmá-la com a jóia. No entanto, com o funcionamento da cooperativa, há quem vá ganhando mais confiança e os sócios vão aparecendo. Julgamos mesmo que com o fecho das contas referentes ao ano passado e com a atribuição do bónus de consumo aos sócios, possam vir mais ao de cima as vantagens em ser sócio da coope-

continua na página 6

No passado domingo, dia 15, tomaram posse os novos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeira do Distrito de Aveiro. Os elementos empossados haviam-se constituído numa lista unitária que veio a vencer estas eleições que são as primeiras da vida deste sindicato. Membros da nova direcção dispuseram-se a explicar-nos o significado deste acto eleitoral e as perspectivas que com ele se abrem.

«O sindicato começou a ser reconhecido como tal com a criação de um contrato colectivo de trabalho que veio a englobar os sectores de trabalhadores que actualmente o constituem. Entretanto mais tarde e com a negociação de um novo contrato, assentou-se na formação de uma Comissão Directiva, que conduziria as negociações e acabaria o seu mandato após

estas concluídas. Entretanto o C.T.T. acabou por ser substituído por uma Portaria Regulamentadora de Trabalho e a Comissão Directiva acabou por assegurar a gestão do sindicato até estas eleições».

A anterior designação de Sindicato dos Mecânicos de Madeiras está pois ultrapassada.

«A constituição deste sindicato não veio resolver todos os problemas, pois há o Sindicato dos Operários das Indústrias de Madeiras dos Distritos do Porto e Aveiro, que engloba os marceneiros, trabalhadores de contraplacados e conglomerados, do distrito de Aveiro que logicamente deveriam estar integrados no nosso Sindicato. Este é um dos problemas que será necessário resolver a curto prazo, para que mais tarde se possa atingir um dos nossos grandes objectivos

continua na página 3

TRABALHO

Trabalhadores do comércio reúnem

Realizou-se na passada sexta-feira 13, pelas 21,30 horas no Salão da Piscina uma concorrida Assembleia dos Trabalhadores do Comércio de Espinho, convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Comércio do Distrito de Aveiro.

Estiveram em discussão dois pontos: posição a tomar, face à recusa de assinatura do contrato colectivo de trabalho, para o sector, por parte das associações patronais de: Espinho, Ovar, Oliveira Azeméis.

O segundo ponto relacionava-se com a prestação ou não, de trabalho extraordinário no período da Páscoa e Natal.

Em relação ao primeiro ponto,

os trabalhadores presentes optaram unanimemente pela via administrativa, a fim de pressionar o patronato a assinar: assim o Sindicato irá contactar o Ministério do Trabalho para ele obrigar as entidades patronais a sentarem-se à mesa das negociações; se daqui não resultar nada, os trabalhadores irão para a greve.

Em relação ao segundo ponto, os trabalhadores constataram que houve algumas irregularidades no respeitante à prestação de trabalho extraordinário no período de Natal: a Câmara Municipal tinha autorizado os estabelecimentos a abrir à noite, mas sem empregados. Ora os trabalhadores desconheciam

esta autorização, que só agora lhes foi comunicada por um delegado sindical. Denunciaram ainda que certos comerciantes de Espinho não lhes querem pagar as horas extraordinárias que prestaram.

Ainda em opinião unânime os trabalhadores presentes decidiram prestar serviço extra no período de Natal e Páscoa, desde que seja remunerado.

Nota curiosa:

Uma trabalhadora presente disse-nos que não tinha razão de queixa da sua entidade patronal, mas que estava ali para dar mais força ao Sindicato.



CENTRO LIVREIRO DA NASCENTE

PROMOÇÃO DURANTE O MÊS DE JANEIRO

Preço especial de promoção — 200\$00
Preço de capa — 250\$00

ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE:

1 — O AUTOR

Nasceu em Peso (Vila de Rei), em 1925.

Fez parte da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e da delegação da Comunità Europea degli Scrittori.

Fundou a revista «Almanaque» e tem dado colaboração a diversos jornais e revistas.

Durante cerca de 2 anos, ensinou em Inglaterra, a convite de uma Universidade local.

Publicou:

- Os Caminheiros e Outros Contos, 1949
 - Histórias de Amor, 1952
 - O Anjo Ancorado, 1958
 - 5.ª edição
 - Cartilha do Marialva, 1960 (ensaio) — 6.ª edição
 - O Render dos Heróis (teatro) 3.ª edição
 - O Hóspede de Job, 1963 (Prémio Camilo Castelo Branco). 5.ª edição
 - Jogos de Azar, 1963 — 4.ª edição
 - O Delfim, 1968 — 6.ª edição
 - Dinossauro Excelentíssimo, 1972 — 6.ª edição
- O «Delfim» encontra-se hoje editado em vários países.

2 — O LIVRO

«É uma reunião de textos (dezoito) que se juntam em quatro séries: «Auto-Retrato», «Retrato dos Outros», «Visita à Oficina» e «Parêntese ao Novo País». Há ainda um último texto, que dá título ao livro, paráfrase do poema de Carlos Drummond de Andrade e chave para o enigma que o título pode ser para o leitor menos conhecedor. Nos (sete) textos juntos sob o genérico «Auto-Retrato», haverá dois onde a nossa atenção se detém mais interessada: «Atento, Venerador e Obrigado» e «Lá vai o Português». O primeiro é o autor-por-ele-próprio na meia idade perante o indes-

continua na página 6

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

— Aprovações em série

Terminou, no passado dia 9, a longa maratona da Assembleia Municipal para a aprovação do Plano e Orçamento de 1978. Esta sessão dispôs-se especificamente a concluir a discussão do Plano de Actividades e o Orçamento para os Serviços Municipalizados.

— PLANO DE OBRAS DA ZONA DE JOGO

No que diz respeito a este aspecto foi aprovada por unanimidade uma moção em que a Assembleia Municipal afirma o seu desejo de ver passar a responsabilidade da aplicação dos 25% sobre o imposto de jogo para as autarquias. Estes 25%, gastos em obras do concelho têm sido adiministrados pelos departamentos competentes do Estado, tendo-se o executivo da Câmara limitado, até aqui, a tomar conhecimento de muitas decisões que dizem directamente respeito à população da nossa cidade.

— SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Foi neste capítulo, aprovada por unanimidade a proposta do executivo da Câmara. O presidente da Junta de freguesia de Guetim apre-

sentou uma sugestão no sentido de se conseguir, através do Centro de Saúde, a deslocação regular de grupos de médicos às freguesias.

— IMPRENSA

Pouca discussão suscitou este capítulo, que viria a ser aprovado com uma abstenção.

O presidente da Câmara aproveitou a oportunidade para realçar a colaboração oferecida pelo executivo à Imprensa e ainda o facto de estar incluído na proposta de plano a possibilidade de vir a ser criado um boletim municipal.

— OUTROS ASPECTOS

Também o capítulo referente a desportos foi aprovado sem discussão.

Foi ainda aceite pela Assembleia Municipal a verba de 20.000 contos para a urbanização das habitações sociais de Anta e Paramos. Por proposta de um dos seus membros, a Assembleia aprovou um louvor ao Fundo de Fomento de Habitação — Zona Norte, pela rapidez com que executou os projectos das habitações sociais.

continua na página 6

DEZEMBRO NA NASCENTE

As actividades culturais da Cooperativa Nascente desenrolaram-se com grande intensidade no mês que há pouco terminou. Não pretendemos fazer hoje o balanço total dessa actividade, mas apenas dar uma ideia aos nossos leitores e aos sócios do que foi o grande trabalho realizado por todas as secções no mês de Dezembro. Essa imagem de conjunto nem sempre chega até às pessoas, que assim ignoram toda a riqueza das actividades de uma cooperativa que é hoje, praticamente, a única entidade que, no concelho de Espinho, se dedica à expansão da cultura.

Ainda sob a influência do momento alto que foi o CINANIMA 77, em fins de Novembro, pode dizer-se que o mês seguinte viu intensificar-se o trabalho da Co-

operativa. Disso são prova evidente as muitas realizações levadas a cabo, e também o trabalho intenso, que não se nota, mas sem o qual não poderá haver realizações com qualidade. Entretanto, note-se o aparecimento de novas dificuldades postas ao funcionamento de algumas secções. Quando se esperaria um cada vez maior apoio daqueles que o podem dar, uma vez que a importância do trabalho desenvolvido parece inegável tendo sido já realçado a vários níveis, o que se verifica afinal é que alguns não só não querem ajudar, como parecem dispostos a entrar. Mas, como até aqui, as dificuldades surgidas serão mais um incentivo para inventar novas soluções e prosseguir o trabalho, por vezes até com melhores resultados.



DEZEMBRO FOI TAMBÉM PARA AS CRIANÇAS

GAZETILHA

VOLTAS DO TEMPO...

«... Os partidos sentem bem
Quanto se têm
Amesquinhado e desprestigiado;
Guerra de astúcias e maquinações
Tortuosas,
Intrigas venenosas;
Política de opções,
Política fatal de expedientes
P'ra ganhar tempo, não consente
Que o tempo se aproveite
Convenientemente
Na solução dessas questões prementes
Em que o País se vê comprometido,
Sem haver quem aceite
Jogar-se a fundo em esforço decidido,
Para a conquista do seu bem real.
Este, o perigo desta conjuntura,
Porque o desgosto é geral,
O desagrado é tortura,
O espectáculo enoja; e não tem cura,
Nem se lhe enxerga o fim:
— Isto não pode continuar assim!»

Ora

O que acabam de ler não é de agora:
Pois «mutatis mutandi» foi transcrito
Da crónica «HA CEM ANOS» do «Janeiro»;
E um século depois de ser escrita
A prosa que, na essência, nada foge
A do jornal que aqui citei primeiro,
(Eu limitei-me apenas a rimá-la)
Digam-me lá se não parece de hoje...
Pois na verdade por si mesmo fala!
No entanto, e doutro modo, aqui declaro:
Fique bem claro
Frente à desconfiança
Ou à maledicência,
Que qualquer evidente semelhança,
Se alguém a encontra... é pura coincidência!...

Alberto Barbosa (BEKA)

O Balanço das Secções

FOTOGRAFIA — Actividades normais, de apoio ao jornal e outras. Salientam-se as «coberturas» da manifestação da Inter-sindical em Ovar e da festa do Natal para crianças organizada pela Nascente. Ainda a organização de uma pequena exposição retrospectiva com alguns dos trabalhos realizados.

CINECLUBE — A realização da sessão mensal no S. Pedro foi ponto alto, com a exibição do excelente filme, que é marco na história do cinema, «A Regra do Jogo».

De mencionar a colaboração prestada a várias entidades, a quem foram cedidos meios técnicos para a projecção de filmes de seu interesse.

CENTRO LIVREIRO — Continuação da prestação de serviços aos sócios, com regalias evidentes na aquisição de livros. Levou a efeito duas bancas, na intenção de promover sobretudo livros para crianças.

«MARÉ VIVA» — Dando início a uma nova fase de uma actividade, com que se pretende completar os objectivos da publicação do jornal, promoveu uma sessão sobre Beethoven, com audição de obras suas e debate.

ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS — Para além da preocupação geral, nas várias secções, em levarem a cabo realizações que interessam as crianças, registamos a Festa de Natal, realizada na Piscina, e o concurso de desenho e poesia, extensivo às crianças das escolas.

CORO POPULAR DE ESPINHO — Na primeira parte do mês o coro desenvolveu grande actividade interna, na preparação de uma realização que desde há muito estava na sua intenção e que, finalmente, se concretizou: cantar as janeiras, o que foi feito em vários locais de Espinho e arredores.

TEATRO POPULAR DE ESPINHO — Peça «Um dia memorável para o erudito sr. Wu»: um espectáculo em Mozelos e dois em Lourosa, em colaboração com organismos culturais locais.

Peça «O Rei com Crista de Galo»: espectáculos em Espinho (em colaboração com o MDM e C. de Trabalhadores da Aipal), em Paramos (no Clube Recreativo) e em Santo Tirso.

GRUPO DE FANTOCHES «O ESPANTALHO» — Um total de 6 espectáculos, divididos por Espinho — 4 (para Academia de Música, Aipal, funcionários da Câmara e Festa da Nascente e creche do IOS no Bairro Piscatório), um em Ovar e outro em Estarreja.

De acrescentar, ainda, a excelente ornamentação da montra da Nascente, com motivos alusivos ao Natal, e a actividade normal das aulas no Centro de Estudos. Todo este trabalho, claro, feito nos tempos livres. Na Cooperativa não há um único funcionário (que bem se justificaria, aliás, se houvesse possibilidades económicas).

S. M. H. — O QUE É ?

continuação da página 1

tivas das comunidades locais e das populações tendentes a resolver os respectivos problemas habitacionais e fomentar a autoconstrução e a criação de cooperativas de habitação». Este aspecto é também muito

importante e não deverá ser esquecido mesmo com argumentos de que as experiências já feitas não terão resultado de maneira tão positiva como se previa.

QUE FUNÇÕES ?

De acordo com o que está legalmente estabelecido, as funções dos S. M. H. serão bastante amplas, indo desde a gestão do parque habitacional do município até à atribuição dos fogos construídos ou adquiridos para fins habitacionais pelo Estado. A distribuição das casas económicas, casas para famílias pobres, casas de renda económica e casas de renda limitada será, portanto, da responsabilidade desses serviços. Compete-lhe também, nomeadamente, inventariar e perspectivar as necessidades habitacionais a satisfazer pela construção de novos fogos e determinar as respectivas características tendo em conta a composição e rendimento dos agregados familiares, conhecer, prever e caracterizar a oferta previsível de fogos de iniciativa pública e privada; promover inquéritos e estudos destinados a manter actualizado o conhecimento dos problemas habitacio-

nais e as necessidades específicas dos diferentes grupos sociais; propor as soluções habitacionais mais adequadas à situação local para satisfação das carências habitacionais detectadas; divulgar informação sobre as diferentes modalidades de acesso à habitação social, colaborar em programas especiais destinados à recuperação de fogos ou imóveis em degradação do parque habitacional público e privado; fixar as rendas e os valores de venda de fogos construídos ao abrigo de programas de habitação social, mantendo o público informado sobre as questões de habitação, propor empréstimos a conceder a particulares para conservação, reparação e beneficiação dos edifícios, proceder à fiscalização ou vistorias dos imóveis para comprovação do seu estado; proceder à avaliação dos fogos para fixação da nova renda.

Cartório Notarial de Espinho

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico que neste cartório e no livro A-52, a folhas 52, verso, com data de hoje se acha lavrada uma escritura de cessão de quota em que Fernanda dos Santos Dias Cadete cedeu a sua quota de 100.000\$00 na Sociedade «RAMOS & CADETE, LIMITADA», com sede na rua 62, 101, desta cidade, renunciando à gerência.

O cessionário Jaime Castro Ramos Pereira e sua consócia Maria Albertina Soares Correia Castro Ramos Pereira deram nova redacção aos artigos primeiro e quinto, assim:

Primeiro — A Sociedade adopta a firma «RAMOS &

RAMOS, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na rua sessenta e dois, número cento e um, desta cidade de Espinho e durará por tempo indeterminado, a partir da data da sua constituição.

Quinto — A gerência, dispensada de caução, fica afecta a ambos os sócios sendo bastante a assinatura de qualquer dos gerentes para obrigar a Sociedade em todos os seus actos e contratos.

Está conforme ao original. Espinho e cartório notarial, 27 de Dezembro de 1977.

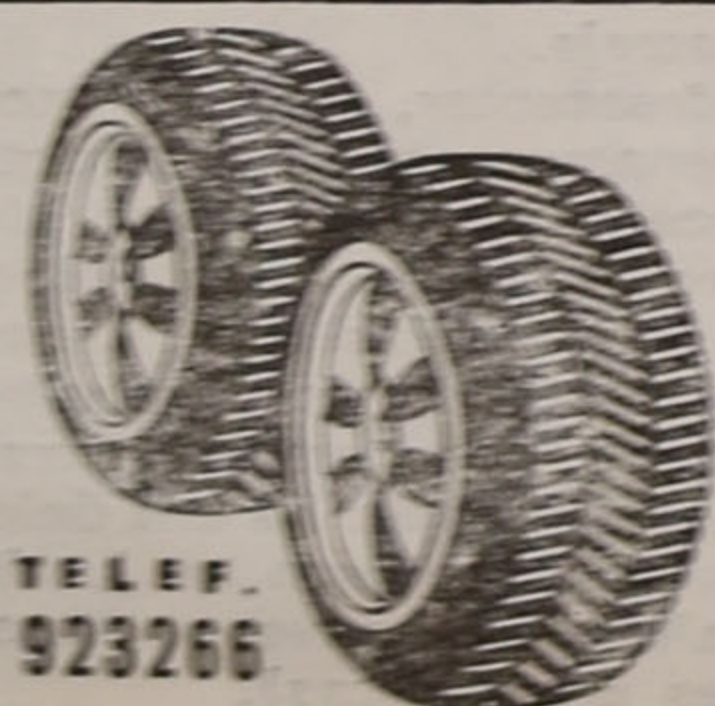
A Notária,

Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro

TELE-ROCHA

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapags
Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações
Assistência Técnica em todo o material

Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 468
Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005
Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO



PNEUS CAR

CENTRO DE VENDAS DE PNEUS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS

— Alinhamento de Direcções
Assistência Técnica — Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

TELEF.
923266

COOPERATIVA

da Fábrica Progresso

continuação da página 4

rativa e que nessa altura a participação dos trabalhadores da empresa venha ainda a aumentar».

São os sócios que compram, mas quem trabalha ali ?

«Isto está aberto depois das seis horas, quando a empresa encerra e assim os trabalhadores têm facilidade em adquirir os produtos no caminho para casa. Há aqui uma meia dúzia de elementos, quase todos saídos da comissão instaladora inicial, que vão assegurando o funcionamento da cooperativa, pois ainda não houve eleições para a direcção, o que pensamos vir a ser possível com a mobilização dos trabalhadores que este fechar de contas vai provocar».

E quanto a abastecimento, ao nível de preços praticado, aos transportes dos produtos ?

«Não temos grandes dificuldades no abastecimento, dum modo geral. Claro que há produtos que faltam, caso do açúcar, e claro do bacalhau. Em relação ao bacalhau, recebemos a informação da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau de que nos seriam atribuídos 360 kg, em referência a um pedido que fizemos em 76, ainda não havia cooperativa. Claro que os preços praticados são os mais baixos possíveis, apenas com uma pequena margem que vá permitir a atribuição de bónus aos sócios e fazer alguns investimentos necessários. Quanto aos transportes, os produtos são-nos quase sempre enviados e quando há necessidade, a empresa tem-nos emprestado uma furgoneta».

A cooperativa está pois a funcionar. O capital empatado não foi muito (uma câmara frigorífica, prateleiras, etc.), a carolice de alguns e a força de vontade fizeram o resto. Será assim tão fácil como isso ?

«Não é assim muito difícil instalar uma cooperativa destas dimensões. Achamos até que os trabalhadores doutras empresas poderiam sem grandes dificuldades formar cooperativas como esta. O que até seria um bom passo para se constituir uma união de todas essas pequenas cooperativas, com grandes vantagens para todas elas».

Assembleia Municipal

continuação da página 5

Surgiu ainda à discussão um pedido de um tal Sr. Pires Veloso (pai do ex-comandante da Região Militar do Norte) ligado às aldeias S. O. S., para que a Câmara financiasse a construção de uma casa para crianças do concelho, a integrar numa nova aldeia. Por proposta de Jorge de Carvalho o assunto passará para outra sessão, até porque a verba a despendar nessa obra não se encontra no orçamento já aprovado, podendo eventualmente figurar no orçamento suplementar.

— ORÇAMENTO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

Mais uma vez neste caso, a proposta do executivo foi aprovada por unanimidade. De salientar que se prevê um aumento nas receitas a partir de um possível aumento de tarifas. Os serviços apresentarão este ano um saldo bastante negativo uma vez que, só para adquirir energia, empregar-se-ão verbas da ordem dos 28 a 30 mil contos.

CENTRO LIVREIRO

continuação da página 4

crível fenómeno do fascismo (regime, sistema). O segundo é uma sucessão de variações sobre o tema de «o português»-tipo, resultado de contrafacções e contrafacções históricas de proporções bem menos conhecidas do que calculadas.

Na segunda série de textos «Retrato dos Outros», como o próprio genérico designa, é dos outros que se trata. Os dois conjuntos restantes são talvez muito mais interessantes; quer dizer, pelo menos pode interessar aqui neste país e agora por certo muito mais. Em «Visita à Oficina» há dois textos: o primeiro é uma «Memória Descritiva» referente a «O Delfim», o último romance do autor, de há oito anos.

Muito extenso e rico de informações pormenorizadas sobre a elaboração do livro a que se reporta, escusado dizer que se trata de uma peça de valor inestimável para a compreensão do «mundo» que no romance se ergue, e do Real que na sua elaboração escritural e textual se produz. O segundo tem um valor porventura menos documental mas, mesmo assim, é mais do que um valioso testemunho: é uma análise rica de perspectivas e sugestões sobre um fenómeno naturalmente excrecente do regime deposto em 25 de Abril de 74: a Censura. Naturalmente, alarga-se em perspectivas a um objecto muito mais amplo: o próprio regime, a sua ideia estrutural, a sua lógica interna, o sentido que o sustenta, e aos seus braços de recurso.

Trata-se de um dos textos mais interessantes de todo o livro. Não por certo menos interessante do que aqueles (quatro) que se agrupam no «Parêntese ao Novo País» e onde se trata da situação decorrente (ou, talvez mais, das situações sucessivas, de qualquer modo decorrentes) do 25 de Abril.

«Ainda, e num relance muito por alto, aqui a posição de Cardoso Pires aparece ponto-e-contrapontualmente oscilante e equilibrada entre uma certa confiança (humanista crítica, lúcida, racional) na História e na capacidade dos homens para a processarem contra os obstáculos levantados por determinados caracteres históricos adversos, e algum pessimismo (ainda caracterizadamente histórico) que as mais cantadamente celebradas esperanças não chegam, por elas, para iludir ou compensar.

No último texto, logo desde o título, há, suspensas, questões em que havemos de reflectir, advertidamente ou não.

Desnecessário, dizer, enfim, que é um livro importante...»

«DL» Sete Ponto Sete 17-23 Dez. 77

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 920592
ESPINHO

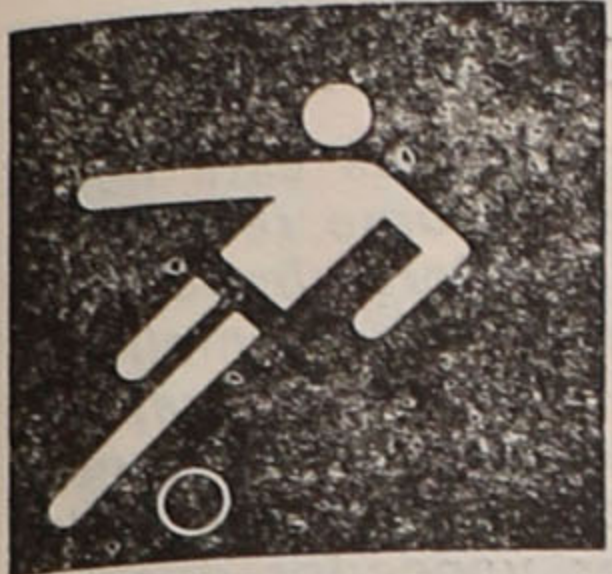
MODAS MENDES

LANIFÍCIOS

MODAS — CAMISARIA

Rua 16 n.º 683
Telef. 920168

ESPINHO



ESPINHO, 2 - RIOPELE, 1

Quinze minutos de emoção, zero de futebol

S. C. ESPINHO — Gaspar; Coelho, Gonçalves, Raul e Amaral; João Carlos (Meireles, aos 79 minutos), Manuel José (Carvalho, aos 61 minutos) e Acácio; Mória, Reis e Canavarro.
RIOPELE — Matos; Joca, Abreu, Vitorino e Teixeira; Barros, Luís Pereira e Pio; Fonseca, Jesus e António Luís (Piruta, aos 71 minutos).
ARBITRO — Porém Luís (Leiria)

Não devem ter saído nada satisfeitos do Campo da Avenida os homens da Pousada de Saramagos. Depois de lutarem com exemplar dignidade durante os noventa minutos, de estarem a ganhar a 15 minutos do fim (com felicidade, e eles sabem-no), de verem a hipótese de levarem consigo dois pontos quando vinham para buscar um, deve custar muito ir de mãos abanar quando menos o esperavam e ainda por cima por grandes responsabilidades de um árbitro sem personalidade para marcar um penalty digno de aparecer a ilustrar um compêndio de regras de futebol (e isto por muito que nos pese a nossa confessada «afficion» pelos «tigres»).

Por outro lado os espinhenses estarão ainda a perguntar como foi possível conquistar dois pontos a jogar daquela maneira e quando menos se esperava. E se deram uma prova inexcusável de garra e querer naqueles minutos finais, se ao fim e ao cabo mereceram os dois pontos, poderão ter lançado para trás das costas aquele minuto 85 e a amargura justificada dos seus companheiros da Pousada de Saramagos?

Creemos que não. E expliquemos. Estava o Espinho lançado deliberadamente ao ataque, acicatado pelo seu tento do empate, quando Fonseca se escapou pelo lado direito, levando Raul e Amaral atrás de si. Começou a ser agarrado por este último, libertou-se momentaneamente correu uns bons cinco metros dentro da grande-área isolado e foi então de novo agarrado e rasteirado. O árbitro vinha lá do meio campo a correr e apitou (que outra coisa podia fazer?). Toda a gente convencida de que ia ser penalty (era para lá que o sr. Porém Luís corria), quando veio o golpe de teatro: o homem do apito hesitou e desviou a rota para o lado direito para marcar a falta fora da área. Os homens do Riopelle protestaram correctamente, o fiscal de linha

fazia de conta de que não era nada com ele e assim se ultrapassou o que seria por certo o golpe fatal no ânimo dos espinhenses.

Dirão que estamos a exagerar a importância deste lance, mas não podemos deixar de o considerar o lance capital, o lance que veio a ser decisivo para a sorte do jogo e que aconteceu naqueles minutos finais em que toda a partida se veio a resumir.

Sim, porque os restantes 75 foram do pior futebol que há muito tempo se via no Avenida. E por culpa dos espinhenses (o Riopelle ia fazendo o seu joguinho e a mais não era obrigado). A explicação resumir-se-à nesta síntese: havia defesa, que quase não era precisa, o ataque não se via e o meio campo era um autêntico disparate.

Claro que o Espinho ia tendo oportunidades (lembramo-nos de uma bola ao poste cabeçada por Gonçalves), mas como não as poderia ter com tantas bolas despejadas lá para cima?

A segunda parte prometia ser um papel químico da primeira (apesar da entrada de Carvalho) quando o Riopelle marcou. Piruta centrou do lado esquerdo, Fonseca rematou de cabeça, Raul safou, recarga de Luís Pereira e emenda de JESUS (tudo de cabeça) e Raul já não safou à segunda. Faltavam 14 minutos e passados 7 o Espinho empatou. Meireles que trouxe outro ânimo à equipa entregou a Carvalho e a bola sobrou para ACÁCIO que disparou com êxito à entrada da área. Depois como sabem veio o penalty, ou melhor não veio. E estava tudo a pensar no empate (do mal o menos) quando CANAVARRO ganhou um ressalto, fugiu pela esquerda e já sem forças e grande convicção rematou rasteiro ao poste, com ressalto para dentro.

Eram os dois pontos a ficarem cá em Espinho, mas palavra que tivemos pena que, ao mesmo tempo, o Riopelle não pudesse levar um consigo...



DESPORTO

Hóquei em Patins

Taça de Portugal

Académica, 2 - Sporting, 6

A.A.E.: Domingos, R. Lacerda, R. Azevedo, Alfredo, Zé Fernandes (2), Alcino, Rocha e Fidalgo.

SPORTING: Albino, Fernando Pereira (1), Sobrinho (2), Picas (3), Chana, Carlos Alberto, Jorge e Rui Rosas.

Este encontro entre espinhenses e leões mostrou a toda a gente que a ele assistiu que os 8-0 da 1.ª mão não terão sido exagerados. Para que tal resultado não fosse repetido ou até avolumado, teve



o Sporting em Domingos o principal obstáculo, e, além disso, ao tirar Chana e Picas, Torcato Ferreira também deu uma ajudinha.

Os leões tiveram sempre o comando do jogo pois, sob a batuta de Chana, faziam girar a bola de uns para os outros rapidamente, penetrando assim facilmente na débil defensiva espinhense, onde o único elemento à altura foi, como já dissemos, o guardião Domingos, que, com defesas espectaculares negou um resultado mais expressivo. No início da 2.ª parte, em consequência das substituições já referidas, o Sporting perdeu velocidade e imaginação e a equipa, que até aí actuara como um harmonio passou a acusar uma certa falta de ligação. A AAE por sua vez, aproveitando esse ligeiro desentendimento dos leões e o acordar de Zé Fernandes, equilibrou o jogo

RESULTADOS

ANDEBOL

SENIORES

S. C. E., 22 — CDUP, 13

JUVENIS

CDUP, 15 — S. C. E., 14

HÓQUEI EM CAMPO

HONRA

Académico, 2 — A. A. E., 2

RESERVAS

Académico, 0 — A. A. E., 3

VOLEIBOL

SENIORES

Gondomar, 3 — A. A. E., 2

Avintes, 3 — A. A. E., 1

A. A. E., 3 — Gueifães, 0

JUNIORES MASCULINOS

Porto, 3 — S. C. E., 0

S. C. E., 3 — Nun'Álvares, 0

S. C. E., 3 — Leixões, 0

JUNIORES FEMININOS

Gueifães, 3 — S. C. E., 2

JUVENIS

S. C. E., 2 — A. A. E., 3

A. A. E., 3 — Esmoriz, 1

Leixões, 3 — S. C. E., 0

INICIADOS

S. C. E. (B), — Nun'Álvares, 3

Leixões, 1 — S. C. E. (A), 3

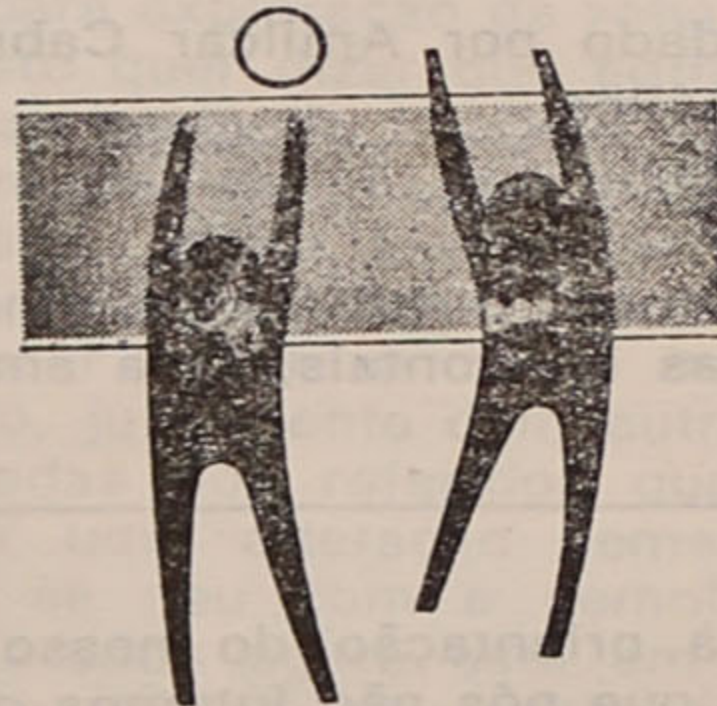
e obrigou Torcato a rectificar as substituições feitas para poder segurar o resultado e voltar a comandar as operações, o que efectivamente veio a acontecer.

Esta equipa do Sporting, bastante mais jovem que a da época passada, joga mais rápido, mas é menos imaginativa na criação de jogadas ofensivas. Torcato Ferreira procurou adaptar Chana às funções de «patrão» da equipa à semelhan-

VOLEIBOL

A. A. E. VENCE O REGIONAL DA 3.ª DIVISÃO

Embora derrotada em Gondomar e Avintes, a A.A.E., beneficiando da derrota do S. C. Esmoriz, classificou-se em 1.º lugar pelo que garantiu a subida à 2.ª Divisão Regional. Este triunfo é tanto mais saboroso se atendermos à marginalização de que foi alvo a secção, principalmente no que respeita à utilização do pavilhão para treinos, já que não conseguiu uma única noite em que este lhe fosse concedido, o que é tanto mais lamentável se é sabido que os atletas seniores, devido aos seus afazeres profissionais, só podem normalmente treinar à noite. Mas com esta vitória a secção de Voleibol deu uma resposta aos que pretendiam acabar com ela, directa ou indirectamente.



A equipa júnior da A.A.E. desistiu da sua participação no Campeonato Nacional da presente época. A decisão, tomada pela secção de voleibol deve-se a diversos abandonos de atletas, pelo que a equipa ficou reduzida a um número insuficiente de atletas capaz de garantir a presença condigna a todos os jogos. Em consequência desta decisão os elementos que ainda se mantiveram em actividade foram integrados na equipa sénior tendo já alguns participado em jogos do Regional.

GUINÉ-BISSAU, PAÍS IRMÃO

CAMARADA INIMIGO

Esteve aqui um inimigo sem fome, muita
Deixou-me este inimigo uma ração de combate com formigas
E 2 pedaços de papel de jornal com excrementos
E 22 latas de cervejas vazias
E capim pisado.

Contou-me muita informação preciosa este inimigo
Sei que há três meses fazia frio em Lisboa (Portugal)
Caetano está bom na legenda mas só tem meia cabeça na foto
E o seu sorriso acaba onde começa mais excremento
Caetano está bom mesmo e o Povo Português muito triste
Hoje há três meses pois Eusébio não alinha por ter menisco
E Santo Francisco de Paula é senhorio em Lisboa dos pobres.

Sei ainda que este inimigo tem a doença da sede para esquecer
Tem pouca fome porque ainda não sabe aprender a esquecer
Tem diarreia, tem lombriga tem solidão
E só sabe fumar metade do cigarro.

Este inimigo deixa muita informação e rasto
Não pode ser um inimigo tão assim tanto
É um camarada trabalhando no campo inimigo
É pelo menos um agente duplo.



A GUINÉ E O POVO PORTUGUÊS — FRATERNIDADE

«Milhentas vezes já o referimos: nós não lutamos contra Portugal. Nós não confundimos nunca o povo português com o colonialismo português. De resto, neste domínio, é um facto que a melhor propaganda do nosso partido foi e continua a ser feita pelos soldados portugueses, compreendendo os próprios prisioneiros portugueses.

O que queremos é conquistar a nossa independência nacional e desenvolver relações com todo o mundo, mas estamos dispostos a conceder prioridade ao povo português, porque falamos a língua portuguesa, porque há entre nós laços históricos.

De acordo com a linha de orientação definida pela Direcção do nosso Partido, devemos acolher sempre bem qualquer soldado português que se decida abandonar a guerra criminosa dos colonialistas portugueses, tratá-lo com simpatia e amizade, facilitar-lhe os meios para chegar com segurança a qualquer destino onde deseje estar ao abrigo da perseguição dos colonialistas.

Esta orientação é não só uma maneira de proteger e de salvar aqueles que na tropa colonialista não desejam a guerra, que estão contra ela, que compreendem que ela é injusta, mas também é uma posição que contribui para activar a deserção, para desmoralizar as forças do inimigo, para enfraquecê-las, para abrir brechas no seu seio e para aumentar a nossa força.

Quanto aos prisioneiros de guerra, todo aquele que cai como prisioneiro das nossas forças deve ser desarmado, interrogado e internado.

FICHA

GUINÉ - BISSAU
Superfície : 36.125 Km²
População : cerca de 800 mil habitantes
Capital : Bissau
Território : uma parte continental e uma parte insular, formada pelo Arquipélago dos Bijagós. É limitada a norte pelo Senegal, a leste e sudeste pela República da Guiné e a sudoeste e oeste pelo Oceano Atlântico. Um terço coberto de florestas. Um grande número de rios com forte caudal. Clima húmido e quente. Outras cidades: Bolama e Cacheu.

Forma de Governo : República Socialista
Presidente : Luís Cabral
Direcção Política : P. A. I. G. C., fundado por Amílcar Cabral
Religiões : Animista, muçulmana e católica.
Língua : português e dialectos sudaneses.
Moeda : Escudo guineense.
Bandeira : uma faixa vertical vermelha (com a estrela de cinco pontas a negro) e duas faixas horizontais, uma amarela e outra verde.

Mas o nosso Partido não utiliza nem a tortura nem exerce a brutalidade de qualquer género contra os prisioneiros de guerra. Pouparamos a vida de todo aquele que se renda. Os prisioneiros que temos provam que o nosso Partido respeita os princípios internacionais que foram estabelecidos a tal respeito, ao contrário do procedimento seguido pelos colonialistas portugueses que matam, torturam, e maltratam a maior parte dos seus prisioneiros. Por outro lado a libertação de alguns prisioneiros de guerra pelo nosso Partido é um gesto humanitário de alto significado político. Esse gesto corres-

ponde à orientação do nosso Partido de que nós não lutamos contra o povo português, contra indivíduos portugueses ou famílias portuguesas, é um encorajamento ao povo português, na sua luta contra a guerra colonial, à tendência rea-

PORTE PAGO

ANTOLOGIA

COMBATE INVENCÍVEL

«O governo português está doravante consciente de uma realidade: nenhuma força poderá impedir a liquidação total do colonialismo português. A dialéctica da repressão colonial provou que, nos nossos dias, nenhum agressor colonialista pode ser vencedor dos povos decididos a conquistar a sua liberdade»

(artigo publicado em PARTISANS n.º 7 — 1972)

A GRANDE CONQUISTA

«O maior êxito do nosso combate é o facto de, ao mesmo tempo que nos batemos, termos sido capazes de começar a construir uma vida nova, política, administrativa, económica, social e cultural, nas regiões libertadas».

(intervenção de Amílcar Cabral perante a IV Comissão da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Outubro de 1972).

INTERNACIONALISMO AFRICANO

«Somos pela colaboração fraterna entre os povos africanos, contra os nacionalismos estreitos que não servem os verdadeiros interesses do povo. Uma análise geográfica, histórica e mesmo técnica da África permite admitir que estão em desenvolvimento no continente novas formas de existência económica, política e social. Através das contradições e mesmo dos conflitos, estas novas formas ainda embrionárias definir-se-ão progressivamente na sua estrutura e talvez na sua originalidade».

(declarações de Amílcar Cabral a PARTISANS — 1962)

APELO AOS PORTUGUESES

«A destruição do fascismo em Portugal deverá ser obra do próprio povo português; a destruição do colonialismo português será obra dos nossos próprios povos».

COMO FALAVA BELO, O FASCISMO...

«Em África soubemos, como no Brasil, operar a transfusão de Portugal para vastas regiões tropicais. Ao fazê-la, ajustou-se naturalmente, a essência da Portugalidade às condições peculiares do meio. Mas o espírito está lá. As terras que hoje formam o ultramar português não poderão jamais deixar de ser lusíadas. E sobretudo aquelas onde o sangue da juventude ida do Minho ou do Algarve, dos Açores ou da Madeira se tem generosamente misturado no sangue da que lá nasceu e vive».

(— discurso proferido por Marcello Caetano na Conferência Anual da A. N. P. que teve lugar no Palácio dos Congressos, no Estoril, em 28 de Fevereiro de 1972).

lista no seio do governo português e aos elementos das tropas coloniais que se querem libertar do pesadelo de uma guerra que é contrária aos próprios interesses do seu povo».

(in «Manual Político do P.A.I.G.C.»)